

Uma escrita “longa e sofrida”: entrevista com Helena Neves Abrahamsson

Entrevistada

Helena Neves Abrahamsson

hneves62@gmail.com

Entrevistadores

Wellington Marçal de Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR

marcalwellington@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-8881-6850>

Eni Alves Rodrigues

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR

enialro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4856-8706>

Lílian Paula Serra e Deus

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) | São Francisco do Conde | BA | BR

lilianedeus@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6307-825X>

Helena Neves Abrahamsson é guineense, nascida em 1962, em Bissau, capital do país situado na costa ocidental do continente africano. Pela Faculdade de Direito de Lisboa graduou-se em Direito, exercendo essa profissão, notadamente se dedicando à área de Direitos Humanos, gênero, mulher e crianças, em diferentes países da África e Suécia. *Fora di nos* é seu livro inaugural, publicado em 2021. Abrahamsson integra antologia de poemas e dedica-se, há muitos anos, a trabalhos no campo das Artes. A partilha de aspectos de sua vida e obra ofertam significativa contribuição para os estudos que tomam como foco de análise integrantes do sistema literário da Guiné-Bissau. Esta entrevista foi concedida ao pesquisador de literaturas africanas de língua portuguesa Wellington Marçal de Carvalho, bem como às professoras Eni Alves Rodrigues e Lílian Paula Serra e Deus, que também se dedicam a reflexões sobre essa literatura.

Poderia compartilhar informações sobre sua biografia?

Helena Neves Abrahamsson nasceu na cidade de Bissau, em 26 de outubro de 1962. Filha de pai mestiço, mãe da etnia fula, sendo a mais nova de cinco irmãos (tem dois irmãos e duas irmãs), ela considera que foi educada entre dois mundos em termos sociais e culturais. Desde tenra idade teve que aprender a falar duas línguas em simultâneo, português com o pai e a língua guineense/crioulo com a mãe. A mãe de origem mais humilde e o pai, filho de um



português proprietário de terras, ambos pais zelosos, mas separados, teve que, muito cedo, aprender a distinguir e a viver entre as realidades diferentes dos progenitores. Dos cinco irmãos, Helena foi a única educada pela mãe e pai na Guiné até aos 18 anos de idade. Os irmãos, muito cedo foram enviados para colégios internos em Portugal, onde cresceram. Com 19 anos de idade Helena vai viver em Portugal formando-se em Direito na Universidade clássica de Lisboa. Após a formação regressa à Guiné dedicando-se, inicialmente, mas por pouco tempo, à advocacia. Sempre preocupada com a justiça, cedo começa a dedicar-se ao ativismo social através de organizações da sociedade civil. Juntamente com vários amigos foi um dos membros fundadores da primeira organização de direitos humanos criada no país. Assim, do voluntariado à vida profissional foi um salto. A nível profissional dedica-se a mais de 25 anos a questões de desenvolvimento e direitos humanos, com tónica em gênero, situação da mulher e da infância. Helena diz que a atração por esta área de trabalho e o seu sentido de justiça advém da vida e da discriminação que a mãe viveu e sofreu por ter sido mãe solteira e mãe dos filhos de um homem proveniente de uma classe social privilegiada. Através do sofrimento de sua mãe, muito cedo, aprendeu a sentir o sofrimento dos outros em seu redor e a internalizar a justiça da luta pela afirmação dos menos favorecidos. Durante os anos de 1990 trabalhou, alguns anos, com uma organização sueca regional para África Ocidental, de direitos da criança, a *Save the Children* com Sede em Bissau. Nesta organização exerceu as funções de responsável por programas regionais tendo, nesse período, trabalhado com diversos países entre os quais o Senegal, o Burkina Faso, o Togo, o Mali, entre outros da costa ocidental africana. Em 1998 casou-se com um diplomata sueco que, por razões profissionais, serviu em vários países. Devido às funções do marido Helena acabou por deixar o seu país e viver em diversas partes do mundo, a Suécia, Angola, Moçambique, Nicarágua e Cambodja. Apesar dos inúmeros países em que teve que seguir a família nunca abandonou a sua vida profissional. Assim, nesse período trabalhou na Suécia e em Angola com contratos de curta duração e também para e com a Guiné-Bissau através de contratos de consultorias pontuais. Desde 2015 Helena vive entre Bissau e Estocolmo, onde reside a família nomeadamente dois filhos. Mas, como tem passado mais tempo em Bissau, retoma aqui o seu trabalho e ativismo na área dos direitos humanos.

Além da poesia, Helena dedica-se às artes plásticas de tingimento, pintura em tecido e papel com tintas de fábrica, mas, também com plantas naturais, folhas, leguminosas, frutas, entre outros produtos que se possam encontrar na natureza.

Embora tenha frequentemente postado poemas nas redes sociais, *Fora de nos – Nhara Sikidu* é o seu primeiro trabalho literário publicado para além da publicação de dois poemas e um conto na antologia *Língua e voz* publicado pela editora *Templários*, também em 2021.

Como nasceu a sua atuação no campo dos Direitos Humanos?

Após terminar a minha formação universitária em Portugal regressei à Guiné-Bissau em 1990 onde comecei a trabalhar no Banco Central e a fazer advocacia. Muito cedo me dei conta de que a área bancária, ou melhor, a área económica estava longe de ser algo a que iria dedicar-me por muito tempo. No campo da advocacia, a corrupção já visível naquela altura, a desorganização e a morosidade dos processos levaram-me a desistir depois de três ou quatro anos de exercício. Os direitos humanos não surgiram na minha trajetória por um acaso. Mesmo antes de terminar a minha formação já era um assunto pelo qual me interessava bastante. Assim, durante os primeiros tempos na Guiné, mesmo trabalhando e exercendo advocacia, arranjava tempo para fazer voluntariado em organizações não governamentais que na altura

começaram a surgir. Sou membro fundadora de uma das organizações mais conhecidas do país, a Liga Guineense dos Direitos Humanos e, a partir desta organização, fui me engajando no ativismo social. Foi a partir deste voluntariado que um dia fui convidada para integrar a equipa da organização regional sueca Radda Barnen que tinha o seu Escritório em Bissau. Assim se deu o meu salto definitivo para o mundo do trabalho com os Direitos Humanos.

Você também se dedica a trabalhos no campo da pintura com produtos naturais. Como compatibiliza esse fazer as suas muitas demandas cotidianas? A arte têxtil é uma paixão?

Na verdade, não consigo articular estas atividades, pelo que na pintura e o tingimento é só um hobby até este momento. O tingimento, embora um hobby, já me levou a participar de várias exposições, tendo inclusive vendido peças em diversas ocasiões. Infelizmente, não tive energia suficiente para exercer esta atividade com a continuidade necessária de modo a atender as demandas que vão surgindo. Começo, no entanto, a pensar fazer o inverso, ou seja, deixar aos poucos o trabalho com os direitos humanos e começar a dedicar mais tempo à pintura e à escrita. Os prazos de entrega dos trabalhos na área em que trabalho por vezes torna o trabalho demasiado exigente e julgo que está na hora de mudar e aperfeiçoar o trabalho da arte, quer pintura quer escrita, que tanto gosto e que pouco ou nada fiz ainda.

Quando se percebeu escritora e como decidiu dar a público sua produção?

Nunca me apercebi escritora até o dia em que, já após a publicação do livro, ouvi pela primeira vez na comunicação social chamarem-me de escritora. Fiquei assim meio perplexa, foi uma surpresa e claro fiquei muito feliz.

Antes da publicação do *Fora di nos*, nunca tive consciência de que estava a escrever um livro. Nunca pensei que os textos que ia escrevendo se tornariam num livro. Foi graças às redes sociais que esta ideia surgiu. Os textos constantes do livro *Fora di nos* foram escritos durante um período de 10 anos e em diversos países por onde passei.

Sempre fui atenta à situação política do meu país, o que me fazia estar muito presente nas redes sociais. Muitas das minhas reações à instabilidade sociopolítica da Guiné-Bissau foram expressas através de poemas e prosas publicadas nas redes sociais. As reações dos leitores muitas vezes foram surpreendentes. A partir destas reações e mesmo da fala de alguns amigos e conhecidos que já escreviam e escrevem veio o alerta de que, afinal, o que eu andava a publicar nas redes sociais podia tornar-se um livro. E foi assim que comecei a pensar em transformar os textos espalhados pelos blocos de notas do *Ipad* e do telemóvel em livro. Este processo durou poucos meses. Foi só ir à procura dos textos, compilá-los e enviar para a Editora.

Quais são suas fontes de inspiração, no campo da Literatura?

As minhas fontes são muitas, são diversas. Posso mesmo dizer é o que calha em cada momento. No entanto tenho algumas preferências. Tenho um interesse particular por literatura escrita por mulheres seja poesia, romance, análises etc., independentemente da origem das autoras. Uma certa tendência obviamente para a literatura africana (no geral, não só a de língua portuguesa). Esta tem sido uma fonte de inspiração ou referência mais presente. São várias as escritoras que tenho seguido ou lido, tais como a Nawal Sawadi, da Egipto, a Mariama Bá e Aminata Sow Fall ambas do Senegal, Nadine Gordimer da África do Sul, entre muitas outras mais jovens. O traço comum entre estas autoras é que, de certo modo, são ativistas sociais e feministas e

penso que foram sempre os aspectos da vida que me atraíram na literatura e daí que estas e outras, que não consigo aqui mencionar todas, foram e continuam a ser minhas referências.

Odete Semedo e vários outros escritores e escritoras da Guiné-Bissau, em muitos momentos, se confrontam com a questão de em que língua escrever. Essa é uma indagação importante para você?

Não, não é. Nunca tive dúvidas de que a minha língua de escrita é o português. Com muita pena, porque gostaria que fosse o crioulo que é a minha língua materna. Mas, ao escrever nas duas línguas muito cedo me apercebi que o português saía com mais facilidade, fluidez e certeza. O mesmo não acontece com o crioulo. Os textos em crioulo levam-me mais tempo a criar exceto dois poemas que fazem parte do livro *Fora di nos*. O poema “*Fora di nos*” que deu nome ao livro e o poema “*Mindjeris di nha Terra*” que saíram ao correr da pena, posso assim dizer. Os restantes textos em crioulo foram sempre muito pensados, elaborados, reescritos etc. Tenho muito poucos textos escritos em crioulo exatamente devido à dificuldade que encontro na sua elaboração. Mas continuo a escrever em crioulo. Acredito que a prática há de trazer melhores resultados.

Mesmo os poemas publicados em crioulo tive o apoio e aconselhamento de um amigo poeta, o Ernesto Dabó. Sem o seu apoio não sei se arriscaria a publicar os poucos que se encontram no meu livro.

Como foi o processo de gestação de Fora di nos. Nhara Sikidu – textos poéticos, publicado em 2021, pela Nimba Edições?

De algum modo acho que esta pergunta encontra resposta no ponto 4 deste documento. A publicação do *Fora di nos* foi um “acidente”. Nunca tive consciência de estar a escrever um livro. O que posso aqui afirmar é que sem ter tido consciência de que estava a “gerar” um livro, o processo de gestação deste grupo de textos foi uma fase muito dolorosa da minha vida. Note-se que os textos foram escritos durante um período de mais ou menos 8-10 anos. Foram sendo escritos e jogados num bloco de notas do telemóvel. Foi um período de muitas mudanças de países e questionamentos internos e existencialistas. Era mesmo essa vida que eu queria? Era ou não feliz na situação em que me encontrava? E mesmo questionamentos sobre a minha própria identidade, sobre minha essência, sobre a vida. Questões sobre quem era eu hoje, ou em quem me tornara? Manter-me onde estava? Mudar-me? transformar-me? Encontrar-me? Reencontrar-me? Etc.... etc....etc....

Posso dizer que o processo de gestação destes textos foi longo e sofrido. Mas este sofrimento teve algo positivo e um deles foi a publicação desta minha primeira obra literária *Fora di nos*.

Ainda em 2021, a Editora Templários lançou a antologia Língua e voz, em que você figura no rol de autorias. Como se deu essa construção?

Aqui foi tudo muito simples. Tenho uma amiga de Cabo Verde que também escreve e que soube desta publicação e falou sobre mim ao editor. Assim me chegou o convite para publicação. Aliás, dois poemas publicados nesta Antologia também fazem parte do livro *Fora di nos*. Apenas o conto “*My*” é que foi uma primeira publicação.

A internet e suas múltiplas possibilidades têm sido um espaço para veiculação de sua produção poética?

Na verdade, foi a internet que me despertou para a escrita. Através das redes sociais fui interagindo com pessoas com interesse pela escrita, pela literatura. Fui seguindo escritores já consagrados e pessoas com um gosto simples pela escrita e que ousam pôr para fora seus pensamentos e sentimentos através da escrita. Fui lendo e seguindo gente que escreve sobre tudo e sem pretensões de serem escritores. Muitos apenas como uma forma de terapia, de busca, de compreensão do mundo que as rodeia. Este novo mundo de interações através das redes sociais despertou em mim esta necessidade de escrever, de extravasar os sentimentos através da escrita e de, aos poucos, ir tendo coragem de também partilhar o que eu escrevia.

Quanto ao uso da internet como veículo da minha produção literária devo dizer que sim. A certa altura foi, sem dúvida, um espaço de veiculação dos meus textos, mas, hoje, já nem tanto. Acredito que voltará a ser, mas, de uma forma já mais organizada e pensada.

Qual o lugar da mulher no seu projeto literário? Como percebe a mulher na sociedade guineense na contemporaneidade?

O lugar da mulher é muito central em tudo o que faço e escrevo. Desde a minha vida profissional, à literatura, aos meus tempos livres tudo gravita à volta da mulher, da vida da mulher, do lugar da mulher, da dignidade da mulher.

No que se refere à literatura, o pseudônimo, no meu único livro publicado até este momento, é “Nhara Sikidu” que, sendo embora na nossa língua crioula o nome de uma planta, eu a concebi no meu mundo imaginário como uma mulher forte, determinada e até temível pelos que a rodeiam.

A minha percepção da mulher guineense na contemporaneidade é de que, na Guiné-Bissau, ainda existe um longo caminho a percorrer. Mesmo as necessidades básicas mais prementes não estão satisfeitas e neste caso falo de água por exemplo. Trabalho com projetos e programas de desenvolvimento financiados por organizações internacionais e este trabalho permite-me um contato muito próximo com as populações quer urbanas quer rurais. As populações, em particular as mulheres, vivem em situações muito abaixo do desejável e a sobrecarga de trabalho das mulheres multiplica-se perante estes cenários de pobreza extrema. A minha visão da situação da mulher hoje na Guiné-Bissau infelizmente não é de todo otimista. Há uma luta muito grande pela frente para que as mulheres tenham um nível e qualidade de vida mínimo aceitável.

No poema “Pindjiguiti” há uma retomada belíssima desse importante lugar de memória para os processos de luta por dignidade e independência. Uma mensagem de esperança em dias melhores para a Guiné-Bissau, em alguma medida, está presente nesses versos?

“Pindjiguiti” é um dos meus poemas que mais gosto, mas, confesso que, nem quando o escrevi, nem quando o leio me transmitem uma mensagem de esperança. Pelo contrário, transmitem sim uma mensagem de tristeza, de tempo gasto e perdido, de desolação, nostalgia e certa desesperança até...

Ainda me lembro do dia em que o escrevi. Tinha de fato ido dar um passeio ao Pindjiguiti e durante o passeio fiz algumas fotos. Ao voltar a casa e rever as fotos escrevi o poema e recordo-me de que não foi um momento de alegria nem de sentimento de esperança. Foi um momento de desânimo...

A professora Moema Parente Augel, em 1998, no incontornável A nova literatura da Guiné-Bissau, assinalava o solapamento da sexualidade e dos desejos quando cogitados por mulheres. De certa forma, a sua lira se levanta contra essas interdições?

SIM. Sem dúvidas. Toda a minha escrita está direcionada à preservação e ao reforço das liberdades das mulheres. De todo o tipo de liberdades entenda-se. Sem liberdade não há vida que valha a pena e infelizmente, nesta sociedade, as mulheres são as maiores vítimas de todo o tipo de restrições às suas liberdades. A sexualidade feminina em concreto é muito reprimida na GB, constituindo ainda um enorme tabu em muitas comunidades. É um assunto rodeado de muita hipocrisia que, ao longo da história, só tem contribuído para aumentar a repressão contra as mulheres. É de tal sorte tabu que até hoje é difícil, em diversos meios sociais, falar abertamente de temas relacionados à sexualidade. É minha impressão, muito pessoal, de que mesmo em meios sociais com um nível de educação mais elevado, intelectuais, académicos etc.... a abordagem deste assunto é ainda muito tímida se comparada com outros países. Mas repito, esta é uma percepção muito pessoal. Não é baseado em nenhuma pesquisa ou estudo.

Vários poemas de Fora di nos foram concebidos em diferentes estadas em Phnom Penh, capital do Camboja, no encontro dos rios Mekong e Tonlé Sap. Escrever a partir desse lugar aviltado por colonizadores franceses, de alguma forma, a impulsionou a formatar uma reaproximação com seu lugar de pertença, o chão guineense, atualmente “guiado por forças maléficas”, como você mesma disse, em 2022 no Centro Cultural de Cabo Verde, se referindo ao poder político vigente?

Eu escrevi em vários lugares e por isso mesmo acho que em concreto Pnom Penh não teve qualquer relevância na minha escrita. A única relevância terá sido a distância tal como quando escrevi a partir de Manágua ou a partir de Maputo ou outra cidade qualquer onde me encontrava. A aproximação ao meu lugar de pertença, a Guiné-Bissau, na verdade foi-me favorecida pelas novas tecnologias, pelas redes sociais que diariamente traziam até mim novas de “casa” e me permitiram interagir com os compatriotas e outros interessados pela Guiné-Bissau. A TICs foi, sem dúvidas, a maior impulsionadora da minha escrita.

Sua lira coloca em posição central a “persistente ESPERANÇA, a nossa mais antiga combatente”, como avisa a socióloga Rita Lé, sua conterrânea, no “Prefácio” de Fora di nos. Lutar por uma Guiné-Bissau menos injusta com relação às mulheres, por meio da palavra escrita, é uma tarefa inadiável?

Sim, claro. Não só menos injusta para as mulheres, mas, também, menos injusta para a população em geral cuja maioria vive abaixo do limiar da pobreza, não por falta de recursos, mas, por má gestão destes mesmos recursos por parte dos tais “Foras di nos” a que me refiro na minha escrita.

Pode nos dizer sobre projetos literários em andamento?

De momento tenho apenas ideias dispersas, textos dispersos entre poemas e contos que vou escrevendo. Um dos projetos neste momento é enviar para uma universidade brasileira cinco contos e cinco poemas para fazer parte de uma publicação *online* de vários autores de língua portuguesa. Paralelamente a este projeto estou a tentar escrever um livro de contos no qual se irá incluir alguns contos a publicar nesta publicação da universidade brasileira e outros que estou a escrever e que escreverei posteriormente. Quanto à poesia vou escrevendo sem pensar o que fazer com os textos. Talvez um dia venha a ser mais um livro de poemas ou textos poéticos, quem sabe?

Referências

ABRAHAMSSON, Helena Neves. *Fora di nos: Nhara Sikidu – textos poéticos*. Lisboa: Nimba Edições, 2021. 72 p.

AUGEL, Moema Parente. *A nova literatura da Guiné-Bissau*. Bissau: INEP, 1998. 466 p. (Kebur, 8).

IÉ, Rita. Prefácio. In: ABRAHAMSSON, Helena Neves. *Fora di nos: Nhara Sikidu – textos poéticos*. Lisboa: Nimba Edições, 2021. p. 72.

LÍNGUA e voz [antologia]. Torres Novas: Templários, 2021.